



**Poemas
da literatura
brasileira**

Quinhentismo

Poemas de Pe. José de Anchieta Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal
pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui
colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não
cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão
pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo
embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de
Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de
tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno
estado, Tal me fez o teu pecado.

BARROCO

Bento Teixeira- Prospopeia (fragmento)

1 Cantem Poetas o Poder Romano, submetendo Nações ao jugo duro; o Mantuano pinte o Rei Troiano, descendo à confusão do Reino escuro; que eu canto um Albuquerque soberano, da Fé, da cara Pátria firme muro, cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira, pode estancar a Lácia e Grega lira.

2 As Déléficas irmãs chamar não quero, que tal invocação é vão estudo; aquele chamo só, de quem espero a vida que se espera em fim de tudo. Ele fará meu Verso tão sincero, quanto fora sem ele tosco e rudo, que por razão negar não deve o menos quem deu o mais a míseros terrenos.

ARCADISMO

Quando cheios de gosto e de alegria- Cláudio
Manoel da Costa

Quando cheios de gosto, e de alegria Estes
campos diviso florescentes, Então me vêm as
lágrimas ardentes Com mais ânsia, mais dor,
mais agonia. Aquele mesmo objeto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes, Esse
mesmo em imagens diferentes Toda a minha
tristeza desafia. Se das flores a bela contextura
Esmalta o campo na melhor fragrância, Para
dar uma idéia da ventura; Como, ó Céus, para
os ver terei constância, Se cada flor me lembra
a formosura Da bela causadora de minha
ânsia?

Romantismo

Castro Alves- Os escravos (fragmento)

Lá na úmida senzala, Sentado na
estreita sala, Junto ao braseiro, no
chão, Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão ... De um
lado, uma negra escrava Os olhos
no filho crava, Que tem no colo a
embalar... E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

REALISMO-

Machado de Assis - Crisálidas

Já raro e mais escasso A noite arrasta o manto, E
verte o último pranto Por todo o vasto espaço. Tíbio
clarão já cora A tela do horizonte, E já de sobre o
monte Vem debruçar-se a aurora. À muda e torva
irmã, Dormida de cansaço, Lá vem tomar o espaço A
virgem da manhã. Uma por uma, vão As pálidas
estrelas, E vão, e vão com elas Teus sonhos, coração.
Mas tu, que o devaneio Inspiras do poeta, Não vês que
a vaga inquieta Abre-te o úmido seio?

NATURALISMO

VERDE, ESPERANÇA - Raul Pompeia

A impetuosa alegria da terra, à passagem de Flora, a primavera verde, compromisso maternal do outono e da opulência.

Náufragos no mar. Sem pão, sem rumo. Em roda, o gume afiado do horizonte, a reverberação do sol nas águas e o silêncio solene da calmaria. A vela do barco, flácida, pendente – imagem do abatimento. Ligeira viração depois; denso nevoeiro... quatro dias! sudário de brumas que envolve o barco, elimina o céu. Vão acabar assim, amortalhados na bruma. Um ramo, apenas, sobre as águas, um ramo cor da esperança. Salvos! Adivinha-se o continente salvador através da névoa e o panorama verde das florestas.

PARNASIANISMO

vaso chinês- Alberto Oliveira

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, Casualmente, uma vez, de um perfumado Contador sobre o mármore
luzidio, Entre um leque e o começo de um bordado.
Fino artista chinês, enamorado, Nele pusera o
coração doentio Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio. Mas, talvez
por contraste à desventura, Quem o sabe?... de um
velho mandarim Também lá estava a singular figura;
Que arte em pintá-la! a gente acaso vendo-a, Sentia
um não sei quê com aquele chim De olhos cortados à
feição de amêndoa.

SIMBOLISMO

Cruz e Sousa Broquéis

(fragmento)

ANTÍFONA Ó Formas alvas, brancas, Formas
claras De luares, de neves, de neblinas!... Ó
Formas vagas, fluidas, cristalinas... Incensos
dos turíbulos das aras... Formas do Amor,
constelamente puras, De Virgens e de Santas
vaporosas... Brilhos errantes, mádidas
frescuras E dolências de lírios e de rosas...
Indefiníveis músicas supremas, Harmonias da
Cor e do Perfume... Horas do Ocaso, trêmulas,
extremas, Réquiem do Sol que a Dor da Luz
resume... ..

PRÉ- MODERNISMO -Augusto dos Anjos -Versos Íntimos Vês!

Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão – esta pantera – Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

MODERNISMO

Tecendo a Manhã- João Cabral de Melo Neto

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.